

## Pôr-se em travessia: experimentações em educação

Ler e escrever e pesquisar e e e..

Crossing: Experiments in Education

Reading and writing and researching and and and..

Margareth Sacramento Rotondo<sup>1</sup>  
Sônia Maria Clareto<sup>2</sup>

### RESUMO

Um grupo de pesquisa encontra-se com um problema: o ler e o escrever e o estudar e o pensar e o conhecer e o experimentar e o inventar e o educar e o tornar-se e e e ... Como ler com o corpo? Que corpo escreve? Experimentação com o pesquisar: uma pesquisa ensaiando-se na processualidade dos acontecimentos. Experimentação como ação do expor-se em abertura, implicando-se com e no estudo, com e na pesquisa, em invenções de si e do mundo. Experimentações. Invenções. Questões inquietam: uma experimentação cabe em uma academia? O presente artigo se dispõe a estar com as questões aqui abertas e compor com o pesquisar, o ler e o escrever de um grupo de pesquisa. Experimentar o experimental. Experimentação com e em educação, inventando modos de existir em travessia junto ao pesquisar, ao ler, ao escrever.

**PALAVRAS-CHAVE:** Experimentação, Pesquisar, Desrostificação.

### ABSTRACT

A research group has got a problem: reading and writing and studying and thinking and knowing and experiencing and inventing and educating and developing and and and ... How to read with the body? Which body writes? Experimentation with the research: a research rehearsing itself in the procession of events. Experimentation as an action of revealing oneself in openness, devoting oneself to the study, to the research, to the inventions of oneself and of the world. Experiments. Inventions. Questions raise concerns: does an experimentation fit in an Academy?

This article sets out to be with the questions raised here and to compose with the researching, reading and writing of a research group. Experimenting the experimental. Experimentation with education, inventing ways of existing together when researching, reading, writing.

**KEY WORDS:** Experimentation, Researching, Desfacialization

<sup>1</sup> Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACED/UFJF) e do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/FACED/UFJF. Doutora em Educação Matemática pela UNESP/Rio Claro. Realiza estágio de Pós-doutorado na UNESP/Rio Claro, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, com supervisão do professor Dr. Roger Miarka (2017-2018). Líder do Travessia Grupo de Pesquisa.

<sup>2</sup> Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACED/UFJF) e do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/FACED/UFJF. Doutora em Educação Matemática pela UNESP/Rio Claro. Realizou estágio de Pós-doutorado na UNESP/Bauru, com supervisão do prof. Dr. Antônio Vicente Marafioti Garnica (2014-2016). Líder do Travessia Grupo de Pesquisa.

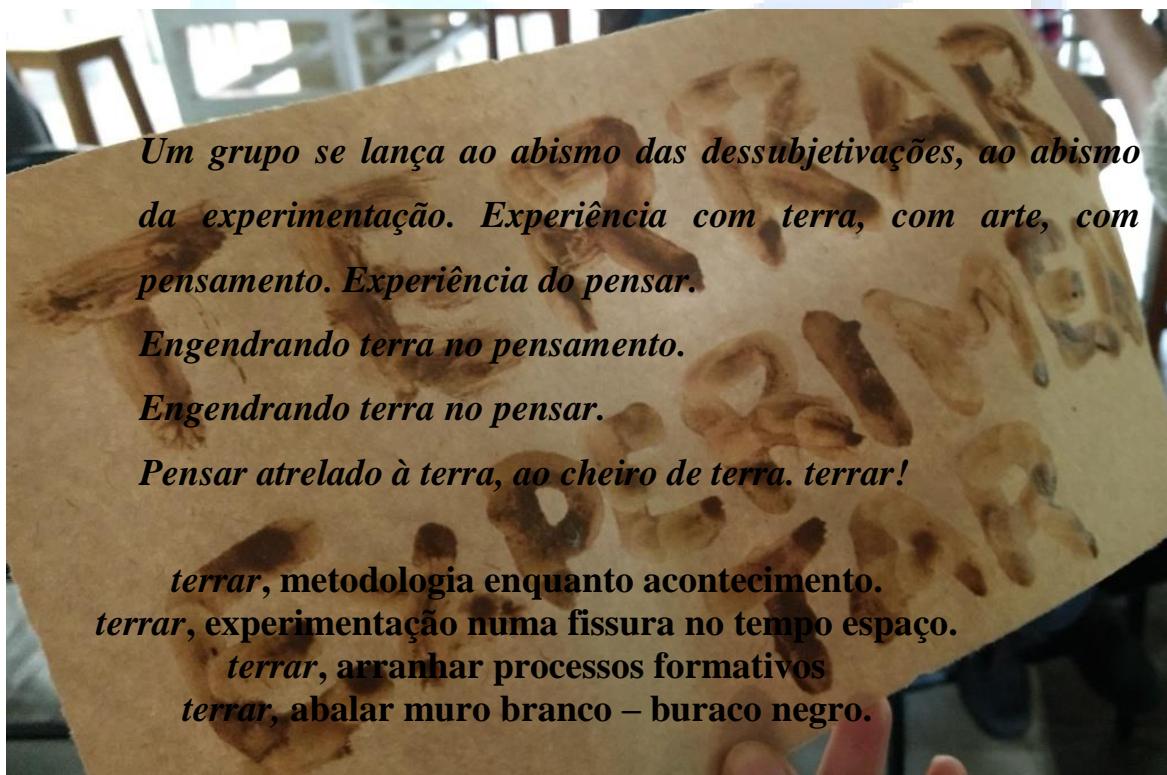
terra em balde... seca  
 pano branco cortado em quadrado... limpo  
 rosto... significância

terra em balde... molhada  
 pano à espera... seco  
 rosto... subjetivação

terra em rosto... arranha significância  
 pano à espera... seco  
 rosto encarna terra

terra em rosto... arranha subjetivação  
 pano... espera molhada  
 rosto encarna terra

terra encarna rosto  
 pano... molhado  
 rosto e pano e...  
 pano arranha rostidade  
 pano arranha subjetivar-significar  
 terrar dessubjetivar



Um grupo<sup>3</sup> convida à experimentação com leituras, com escritas e com desrostificações com terra. Convida a oficinar com terra, ler com terra, escrever com terra, desrostificar com terra. Experimentar com terra, cheirar terra, ouvir terra, saborear terra, aproximando-se do rente do vívido na imanência-chão das tantas academias que se produzem numa Faculdade de Educação.

Escavar um rosto. Abalar suas significâncias e seus processos de subjetivação.

Provocar terremotos com terra em vida acostumada.

Rosto: arranjo muro branco – buraco negro.

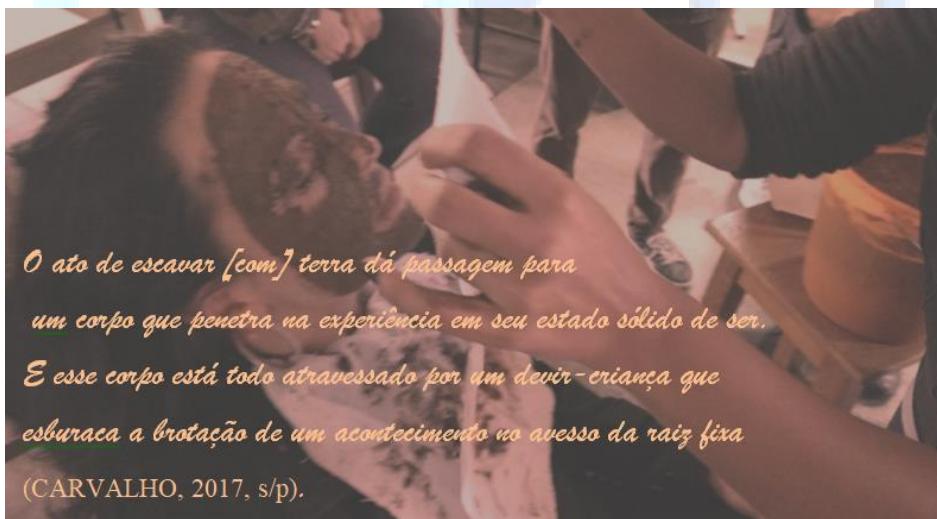
Muro branco das significâncias.

Buraco negro das subjetivações.

Escavar usando terra-arma.

Arma, ferramenta do mínimo, diante dos revides e a inventar.

Arranhar o “grande rosto com bochechas brancas, rosto de giz furado com olhos como buraco negro” (DELEUZE; GUATTARI, 2008, p. 32).



<sup>3</sup> Travessia Grupo de Pesquisa (FACED/UFJF– grupo investigativo integrado ao Programa de Pós-graduação em Educação, cadastrado no Diretório de Grupos do CNPq (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3722064041623822>), tem como líderes as professoras Dra. Sônia Maria Clareto e Dra. Margareth Ap. Sacramento Rotondo. Reúne pesquisadores, estudantes de pós-graduação e de graduação de diferentes áreas de formação e interesse, como Pedagogia, História, Filosofia, Artes Visuais, Teatro, Artes Cênicas e Artes Performativas, Dança, Educação Matemática. Prioriza o estudo enquanto experimentação com leituras, escritas e pesquisas.

Terra penetra no rosto deslocando-lhe das entradas dos processos de rostificação: significar-subjetivar. Terra escavar corpo. Faz ruir Homem, Hetero, Europeu, Nobre, Branco, Religioso. Máscaras em cima de máscaras. Pano branco arranha com terra muro branco das significações e faz vazar em buraco negro das subjetivações. Um rosto inumano com terra e pano. “O rosto é inumano no homem, desde o início; ele é por natureza close, com seu vazio e seu tédio” (DELEUZE; GUATTARI, 2008, p. 36).

*Sob a face da terra corpos projetam-se sobre o chão. Mãos entretorcem com a terra e novidade enuncia-se no campo do olhar... Dúvidas projetam-se dos olhos sob a superfície tênue do sentido. Com cuidado mãos e pés e joelhos e olhos e fígados se dispõem com a textura da grama enverdecida, na disputa com a altura do mato... Em canto, dispõem-se partes de passado... Como passe de mágica boca se abre aos olhos que tocam com delicadeza as curvas da terra, os andares da terra. Terra depositada na Terra, terra sob a Terra. Terra emoldurada convite à duração, à ruptura com o descontrole da terra e seus processos de invaginação e deslocamentos persistentes e crescentes...*

(CARVALHO, 2017, s/p)



*terrificar,  
metodologia  
enquanto acontecimento.*

*terrificar,  
experimentação numa fissura  
no tempo espaço.*

*terrificar,  
arranhar processos formativos  
terrificar,  
abalar muro branco – buraco negro.*

**terrificar: estranhar ler...**

um ler põe-se em passagem nas imundices do mundo, arranhando-se em terra  
o que se dá a ler arromba significações  
desarma sentidos postos

sentidos cambaleantes, desposados de suas significâncias  
agora, ler num tempo espaço outro  
experimentando a inexperiência de um primeira vez  
um novo sempre inventado, inventando-se

na relação com terrar, algo passa  
que passa?  
perturbação  
nada de convergência  
imaginação, memória, inteligência, pensamento não acessam ler  
fazem-se outros, inventando-se em experiência



*terrар, metodologia enquanto acontecimento.*  
*terrар, experimentação numa fissura no tempo espaço.*  
*terrар, arranhar processos formativos*  
*terrар, abalar muro branco – buraco negro.*  
*terrар, metodologia suja*

**terrар: estranhar escrever...**

escrever dispõe-se em terra,  
rasura papel pardo molecando com vida  
terra seca, não faz palavra  
terra molhada, banha vida

isso não cabe aqui, vem do sussurro  
é sujeira, é imundice

escrever dispõe-se em terra  
quer imundices no rente da vida  
ficar só, na soleira  
inventando palavras de sentidos torcidos

escrever lança papel ao chão e palavra  
ao vento  
dobra joelhos  
mergulha em terra molhada  
arrasta corpo em papel  
traça primeiras letras  
sentidos finos, espreitam o silêncio  
uma palavra nasce: experiência

*A experiência diz respeito à  
disposição, ao interesse,  
ao humor, ao afeto, ao súbito,  
ao imediato, onde se cai,  
de-cai, se atravessa, se é perpassado, ou  
seja, afetado.*

*Esse atravessar, perpassar, é que  
propriamente dá o caráter do pâthos, de  
afecções.*

*A experiência é todo um movimento de  
forças, de contágios, de intensidades, de  
deslocamentos de sentidos, de perda e  
transbordamentos de sentidos, que percorre*

*corpos que afetam e são afetados no  
padecimento da experiência.*

*Tudo isso envolve uma pragmática das  
sensações e das afecções (CARVALHO,  
2017, s/p).*



Escrever tem a ver com invadir com terra e com certa maneira de estar à espreita para aquilo que está por vir, expandindo-se na experiência da palavra parida.

Palavra parida prenha de sentidos dá-se a significações. Antes que se apodreça nestes berços, brindamo-la com terrar. Uma terra desterritorializada, cambaleante, faz acontecimento.

*terrар, metodologia enquanto acontecimento.*

*terrар, experimentação numa fissura no tempo espaço.*

*terrар, arranhar processos formativos*

*terrар, abalar muro branco – buraco negro.*

*terrар, metodologia suja*

## **EXPERIMENTAR O EXPERIMENTAL OU EXPERIMENTAÇÕES EM EXERCÍCIOS DE DESROSTIFICAÇÃO**

Um grupo de pesquisa encontra-se com um problema, debate-se em problematizações: o ler e o escrever e o estudar e o pensar e o conhecer e o experimentar e o inventar e o educar e o tornar-se e e e... Debates, embates, combates: como ler com o corpo? Que corpo escreve? Como experimentar com o corpo e ler e escrever e estudar e pesquisar e e e..., em composições?

Experimentação com o pesquisar: uma pesquisa ensaiando-se na processualidade dos acontecimentos. Experimentação com o estudar: um estudo em estado de implicação com mundos sempre inventados outros... Experimentação como ação do expor-se em abertura, implicando-se com e no estudo, com e na pesquisa, em invenções de si e do mundo. Experimentações. Invenções.

Uma experimentação cabe em uma academia? O que pode o desterrar de uma raiz por um grupo de pesquisa em uma academia? Que academia para uma terra? Que terra para uma academia? Experimentação em uma academia: o que uma experimentação produz com e em uma academia? Que academia se produz com e em uma experimentação?

### **Um exercício de desenterrar: compor desterritorializações com o ler**

*Inquietações habitam uma experimentação: Como ler escavando? Como escavar lendo? Como experimentar o experimental?*

Durante o ano de 2014, o *Travessia Grupo de Pesquisa* coloca-se em experimentação de estudo e de pesquisa no durante da ação de extrair uma raiz de uma árvore morta num quintal. As ferramentas são delineadas: pedaços de pau, pazinhas e baldinhos de criança, pás

de pedreiro, tocos de madeira... precariedades. As regras são elencadas: preservação das capilaridades da raiz; cavar e escavar até que a raiz surja desterrada. *Desterrada?* Precariedades.

Em exercício de experimentação de corpos com corpos, com raiz, com terra, com ferramentas, com precariedades... exercícios com educação, com formação.

O escavar solicita precárias ferramentas para lidar com as capilaridades. Capilaridades frágeis em raízes que correm pelo solo, amarrando-se a um resto de vida possível. O escavar traz um ler. Ler com terra sendo removida, fazendo do ler um acompanhamento, perdendo sua centralidade. Ler: acompanhar processo. Como ler fora do lugar de leitor que, em silêncio, lê para aprender e apreender o que a leitura tem a ensinar? Como ler sem a atenção focada centralmente na leitura? Como ler? Que corpo lê? Ler vazando o ar e solicitando ouvidos de corpos que escutam a raiz e suas capilaridades. Ler disputando espaço com baldes, pedaços de pau, pás de brinquedo e o calor do sol. Por vezes, ler se faz em xícara de café e bolo. Ri-se com o ler, acomodando-o em um nascimento inventivo. Cachorros acompanham o ler com seus sentidos roçando a terra. A toalha ao vento, dependurada no varal do quintal, guarda sons de palavras soltas. Rizoma, rizoma, rizoma: ecoa<sup>4</sup>. Um grupo escava raiz, arranca-lhe da terra. Um grupo escava-se num ler com terra fazendo nascer tensão em conceitos móveis e fugidios. Um conceito opera numa experimentação? Como ler produzindo-se com e em rizoma?

### Um exercício de desautorar: compor desterritorializações com o escrever

*Inquietações habitam uma experimentação: Como escrever escavando? Como escavar escrevendo? Como experimentar o experimental?*

Junto a uma experimentação, uma escrita. Como escrever uma experiência? Que escrita para uma experimentação? Experimentar o experimental... Uma escrita experimentação para uma escrita de uma experimentação? Para uma escrita com experimentação? Experimentar escrita, escrever experimentação. Coengendramento.

Corpos na imundice da terra carnada em vida outra nascem em escrita. Teclados recebem mãos desejosas em dar língua escrita a uma experiência. Como escavar escrita numa experiência? Como escavar-se em escrita experiência? Os sons do teclado sujo de terra arranham palavras que não querem seguir os definidos em normas. Escrever escava corpo

<sup>4</sup> Neste momento, o grupo dedicava-se à leitura do volume 1 do *Mil Platôs* de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011).

outro em exercícios arrastados pela terra. Escavar uma escrita no entre de um acontecimento. Escavar uma escrita escavando escritores e pesquisadores e autores e leituras e conceitos... Ficar nas capilaridades do escrever, escrevendo-se em experimentação. Arranhar teclados sujos de terra, fazer sons ocos. Riscar com terra as telas de computadores. Arranhar os modos canônicos da escrita. Inventar palavras no banho de significações em processo. Escrever fazendo nascer uma gagueira em modos canônicos do escrever em pesquisa e em educação.

Um escrever que vai se movendo entre mensagens de email e escritas em cadernos que circulam no durante da escavação... Entre a experimentação e palavra... Entre o desejo de escrever e o medo do escrito... Entre o aqui agora da experiência e o aqui agora da experiência da escrita. Uma escrita circundante, movente, nômade... Uma autoria de um ponto a outro, de um email a outro, por necessidade produz-se em escrita nômade, sempre no entre. Desautoriza autoria: *desautorar*.

Uma escrita inquieta se faz livro precário em caixa: De volta, a terra<sup>5</sup>. Em caixa, lâminas: experimentação com palavra, com imagem, com escavação, com ferramentas, com terra... Palavrar. Escavar. Terrar. *Desautorar*. Uma escrita que baila no entre das palavras. Dissolução de autoria, de hierarquia, de significância. Um livro em caixa frequenta academia, seminários. Um livro em caixa viaja convidando palavras novas, solicitando outros autores *desautorizados*. Um livro em caixa traz terra para academias e editais, vira palavra agarrada por um ISBN e um financiamento, vazando terra, clamando terra.

De volta, a terra.

### Um exercício de *desabituar*: compor *desterritorializações* com a terra: terrar

*Inquietações habitam uma experimentação: Como desabituar escavando? Como escavar desabituando? Como experimentar o experimental?*

Uma oficina se faz em possíveis junto ao movimento de experimentar o experimental. Uma oficina entre matérias a serem manipuladas constituindo outras matérias: materialidades

<sup>5</sup> O livro, efeito que nasce junto ao processo de experimentação do Travessia Grupo de Pesquisa com o escavar de uma raiz, teve sua primeira versão em lâminas de formato A4, acondicionadas em uma caixa de papelão. Esta *caixa livro* foi trabalho apresentado em discussão de grupos de pesquisa no Seminário Interno do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), realizado em 2014, na Faculdade de Educação da UFJF. Esse exemplar, ainda em caixa, circulou em outros espaços acadêmicos com a solicitação de outros escritos, que se produziram como efeitos. Depois, 2015, recebeu financiamento para sua publicação através do Edital de Apoio à Cultura/Lei Murilo Mendes/FUNALFA, da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora.

esbanjando signos, emitindo sons, compondo afetos. Terra contida, em sua infinitude, em um balde; branco forjado quadrado em seu tecido; um varal de rostos e mãos e pés e... Um exercício: ficar com a terra, escrever com a terra, produzir com a terra. Terrar.

Terrar nome e rosto. Terrar palavra e vida. Terrar uma faculdade de educação e uma pesquisa. Terrar metodologia: terrar. Um convite a terrar em uma oficina: máquina fotográfica que compõe um rosto em *desrostificações*. Como uma representação de um rosto – uma fotografia, um perfil, um reconhecimento – se desfaz em terra molhada? Como uma experimentação com corpos e terra e escrita e leitura desrostifica uma educação, desrostifica uma pesquisa, desrostifica uma academia?

Uma terra invade uma academia. Uma terra, um geopensamento, uma geopesquisa, um geogrupo. Geo... terra... *desterrada*, uma raiz invade, com sua terra, revolvendo terra em terra, em uma academia. Revolvendo experimentação em uma academia... vida terrada, negando as idealidades e afirmando imanência, afirmando terra.



*Experiência e invenção e escavação e escrita e traçado de um método e traçado de um plano e corte no caos...*  
*Experiência e terra e Terra e traçado de territórios e territorialização.... Experiência e corpo e paixão e padecimento...* (CARVALHO, 2017, s/p)

### **Desrostificação: processo em experimentação**

Um rosto, uma subjetivação, uma significância... ler, escrever, pesquisar... Experimentação, corpos, palavra, gesto... como atritar e compor? Que educação se movem nesses entre?

Ora a máquina abstrata, por ser de rostidão, irá rebater os fluxos sobre significâncias e subjetivações, sobre nós de arborescência e buracos de abolição; ora, ao contrário, por operar uma verdadeira "desrostificação", libera de algum modo cabeças pesquisadoras que desfazem em sua passagem os estratos, que atravessam os muros de significância e iluminam



buracos de subjetividade, abatem as árvores em prol de verdadeiros rizomas, e conduzem os fluxos em linhas de desterritorialização positiva ou de fuga criadora. Não há mais estratos organizados concentricamente, não há mais buracos negros em torno dos quais as linhas se enrolam para margeá-los, não há mais muros onde se agarram

as dicotomias, as binariedades, os valores bipolares. Não há mais um rosto que faz redundância com uma paisagem, um quadro, uma pequena frase musical, e onde perpetuamente um faz pensar no outro, na superfície unificada do muro ou no redemoinho do buraco negro. Mas cada traço liberado de rostidão faz rizoma com um traço liberado de paisageidade, de picturalidade, de musicalidade... (DELEUZE, GUATTARI, 2008, p. 60-61)



Ferramentas invadem vida possível e resistente, fazendo nascer outro estado de viver. Escavar também solicita corpos arranhando-se ao chão. Corpos pedindo passagem pelas raízes. Corpos exuberantes num acontecimento do pôr do sol. Unhas sujas compõem mãos em terra. Dias e noites se fizeram em sua sequência insistente de contar o tempo, até que um corpo raiz sai de um estado terra para outro estado que não tem nome. Está ali, desprovido do

que vem a ser útil. Não mais sustenta e alimenta uma árvore. Não mais sob o solo. Agora, sobre o solo, toca a terra pelo fora, contamina-se, faz-se outro, sem denominação.

*De um só corpo sólido é feito o escavador, mas que variado. Esse corpo toma múltiplas direções, recompõem-se com tantos, parte-se em vários nas entranhas da terra. Retorna para a matéria de onde vierá, tornando-se mineral e vegetal em amálgama. Traveste-se de coisas em estado de composição e de-decomposição. Um pedaço dele fura a matéria, enquanto o outro penetra na direção incerta dos sentidos cambiantes. E há, neste procedimento, trechos sem nexos, sem conexões e sem sinapses, enquanto tudo é terra, suor, barro, pedrinhas, raízes e coisas em seu estado bruto de ser. Através da materialidade do corpo que se esburaca, toma-se contato com uma experiência em sua qualidade a-significante, que dá passagem para a brotação de um acontecimento verde e “mil coisas que podem interessar uma criança disposta a viver” (Drummond) o aqui e agora da imanência.* (CARVALHO, 2017, s/p)



Corpo, terra. Corpar, terrar... entre substantivos e verbos: nomes e ações... desrostificação como processo de diferenciação, em travessias com *desenterrar*, *desautoria*, *desabituar*. Composições com e num grupo de pesquisa que se coloca em travessias, em experimentações com o ler, o escrever, o pesquisar... Travessia em experimentação. Experimentar o experimental: processo de *desrostificação*.

## REFERÊNCIAS OU COISAS QUE DESTERRAM

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. v. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. v. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

CARVALHO, Fabrício da Silva Teixeira (org). **De volta, a terra.** Juiz de Fora, MG: FUNALFA, 2017.

**Submetido em outubro de 2017**

**Aprovado em dezembro de 2017**